



DO LIVRO DIDÁTICO AO IDEÁRIO DO PROFESSOR: A ABORDAGEM TEMÁTICA DA MOBILIDADE ESPACIAL DIANTE DAS SINGULARIDADES SOCIOAMBIENTAIS DO PANTANAL DE AQUIDAUANA/MS

Geovandir André Lordano

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil
lordano.geovandir@gmail.com

Vicentina Socorro da Anunciação

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil
vique56@hotmail.com

Lucy Ribeiro Ayach

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, Mato Grosso do Sul, Brasil
lucy.ayach@ufms.br

RESUMO – O presente estudo analisa como a temática mobilidade espacial está representada nos livros didáticos utilizados na educação básica Fundamental II da rede estadual de ensino do estado de Mato Grosso do Sul, bem como apresenta possibilidades ao aperfeiçoamento do conteúdo na perspectiva do aprendizado considerando as particularidades do Pantanal sul-mato-grossense. Realizou-se um levantamento bibliográfico, documental e de dados acerca da temática e do objeto de estudo. Os dados primários foram obtidos através de entrevista semiestruturada com professores da rede pública de ensino e acadêmicos do curso de Geografia UFMS/CPAQ, além da observação direta e análise descritiva da coleção didática. Os resultados apontam que a mobilidade espacial é abordada no livro didático com enfoque na geografia da população, geralmente na perspectiva da formação da população e configuração do território. Restringe-se a explicar processos migratórios, sendo observadas poucas menções às demais formas de mobilidade. O material não contempla as múltiplas dimensões do deslocamento humano em áreas singulares como no Pantanal Sul matogrossense, onde a problemática da mobilidade se impõe no espaço rural e áreas de baixa densidade mais impactadas pela sazonalidade climática que transcorre na privação de acesso a bens e serviços, agravando as desigualdades sociais que assumem uma natureza multidimensional.

Palavras-chave: Geografia escolar; Livro didático; Ensino-aprendizagem.

FROM THE TEXTBOOK TO THE TEACHER'S IDEAS: THE THEMATIC APPROACH OF SPATIAL MOBILITY IN FRONT OF THE SOCIO-ENVIRONMENTAL UNIQUERITIES OF THE PANTANAL OF AQUIDAUANA/MS

ABSTRACT – The present study analyzes how the theme of spatial mobility is represented in textbooks used in basic education, Elementary II, in the state education network in the state of Mato Grosso do Sul, as well as presenting possibilities for improving the content from the perspective of learning, considering the particularities of the Pantanal South-mato-grossense. A bibliographic, documentary and data survey was carried out on the topic and object of study. The primary data were obtained through semi-structured interviews with teachers from the public education network and academics from the UFMS/CPAQ Geography course, in addition to direct observation and descriptive analysis of the didactic collection. The results indicate that spatial mobility is addressed in the textbook with a focus on population geography, generally from the perspective of population formation and territorial configuration. It is restricted to explaining migratory processes, with few mentions of other

forms of mobility. The material does not consider the multiple dimensions of human displacement in unique areas such as the Pantanal in Mato Grosso do Sul, where the problem of mobility is imposed in rural areas and low-density areas most impacted by climatic seasonality that results in deprivation of access to goods and services, worsening social inequalities that assume a multidimensional nature.

Keywords: School geography; Textbook; Teaching-learning.

INTRODUÇÃO

No período contemporâneo, a mobilidade espacial é uma temática de grande relevância, abarca desde fenômenos como grandes fluxos migratórios, perpassando por eventos dramáticos como nas recorrentes crises com refugiados a nível global, até mesmo as formas de mobilidade mais fugazes que permeiam o cotidiano da sociedade. Todos estamos em constante mobilidade e as particularidades de cada subespaço implicam na mobilidade diferenciada, ou seja, cada sujeito em cada realidade espacial experimenta a mobilidade espacial de forma única. Neste sentido, emerge a necessidade de que o ensino desta temática na geografia escolar seja capaz de reconhecer toda as possibilidades que cada configuração espacial permitirá.

Conceitualmente, a mobilidade espacial (e.g BASSAND; BRULHARDT, 1983; CUNHA, 2011; LAGO, 2000) compreende todas as formas de deslocamentos no espaço em variadas perspectivas de tempo e espaço, não se restringindo apenas aos fenômenos migratórios, os quais, são entendidos como mudança definitiva de local residência. É, neste prisma, a migração uma forma de mobilidade espacial, mas nem toda forma de mobilidade espacial representa migração.

Para Brumes e Lourenço (2016), na geografia escolar, a geografia da população é costumeiramente responsável por compreender os processos migratórios, geralmente na perspectiva da formação e evolução da população. Contudo, como já pontuado, diante da diversidade de formas de mobilidade, tal abordagem encontra/impõe limitações para que os estudantes tenham a compreensão de que a mobilidade espacial envolve uma gama variada de eventos, e não apenas os fluxos migratórios tradicionalmente estudados, da mesma forma que existem peculiaridades que espacialmente dão contornos específicos a mobilidade.

Isto posto, recorreremos ao contexto do município pantaneiro de Aquidauana/MS, para analisar como a mobilidade espacial é trabalhada no ensino de geografia nos anos finais do ensino fundamental tendo, via a vis, o material didático utilizado na Rede Estadual de Ensino e as experiências dos docentes da geografia escolar no contexto da configuração espacial da região.

Nestas reflexões, consideramos o ensino de geografia como ferramenta para conscientização e transformação social, logo, torna-se oportuno destacar o papel exercido da ciência geográfica na formação cidadã, em especial, como afirma Castellar (2005), a necessária leitura de mundo.

O diálogo existente entre o pensar pedagógico e o saber geográfico permite afirmar que o aluno vai para a escola e aprende a ler, escrever e contar, o que se ensina com mais competência; no entanto o que menos se ensina é a ler o mundo (CASTELLAR, 2005, p. 212).

Nesse aspecto, parece-nos fundamental compreender se a abordagem da mobilidade espacial no livro didático acontece de forma contextualizada e específica para a realidade local do prelúdio do Pantanal Sul matogrossense, propiciando o diálogo e a compreensão do tema por parte do aluno em um espaço sui generis. Considera-se que na rede pública de ensino brasileira, e particularmente no Estado de Mato Grosso do Sul, o livro didático tem-se constituído como importante instrumento de pesquisa e leitura para aluno e professor quando não o único disponível e acessível nas múltiplas faces do processo de ensino e de aprendizagem.

Diante do exposto, partimos da hipótese investigativa de que na geografia escolar a temática sobre a mobilidade espacial ainda se encontra restrita às observações sobre os processos migratórios em grande escala espaço-tempo, voltada basicamente à compreensão da formação e

evolução das populações e dos territórios. Sendo assim, há possibilidade da utilização de outros temas geográficos do livro didático como contexto para introduzir observações acerca das diferentes cinesias de mobilidade espacial? O enredo teórico pertence ou permite associações com a realidade local do aluno e professor?

Partindo desse ideário, o presente trabalho buscou analisar como a temática da mobilidade espacial está representada no livro didático dos anos finais do ensino fundamental, especificamente na coleção utilizada nas escolas da rede estadual de ensino do município de Aquidauana/MS (Geografia: Homem & Espaço), elencando as abordagens utilizadas nas inserções sobre os diferentes tipos de mobilidade espacial além de apreciar as interfaces efetivas e factuais, bem como apresentar possibilidades de complementação ou aperfeiçoamento do conteúdo na perspectiva de proporcionar um aprendizado síncrono acerca da mobilidade espacial considerando as particularidades do Pantanal sul matogrossense, especificamente o Pantanal de Aquidauana.

A pesquisa é de cunho descritivo, quali/quantitativa, partindo da realização de um levantamento bibliográfico e documental acerca da temática inerente aos objetivos do estudo. Os dados primários foram obtidos por meio de entrevista semiestruturada com professores atuantes na rede pública de ensino e acadêmicos do curso de Geografia UFMS/CPAQ, além de observação direta buscando a análise descritiva da referida coleção estudada. Esta análise foi feita sem a pretensão de esgotar a abordagem temática, mas de trazer à tona aspectos teóricos conceituais, sobretudo, na contemporaneidade da mobilidade espacial, na perspectiva de trazer apontamentos sobre o tema apresentado no livro e o espaço vivido/apreendido, investigando os conteúdos específicos da geografia enquanto disciplina escolar.

AQUIDAUANA, “PORTAL DO PANTANAL”

“Portal do Pantanal” é uma carinhosa expressão do qual os moradores do município de Aquidauana se orgulham; é poética, altiva e, sobretudo, verdadeira, uma vez que o município de Aquidauana se localiza na região Sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, tendo a maior parte de seu território pertencente ao bioma Pantanal (Figura 1). Sua população é de 48.184 moradores e possui Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,688 (IBGE, 2022b).

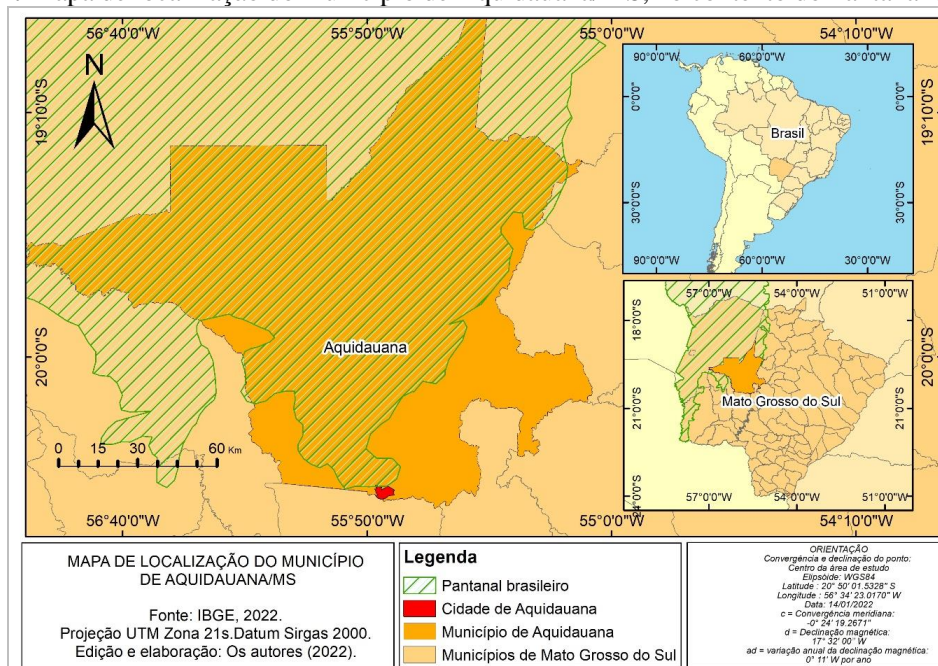
De acordo com informações do IBGE, o Pantanal situa-se na planície da Bacia do Alto Paraguai e ocupa uma área de 150.533 km². Notas do portal online da Embrapa Pantanal o nomeia como a maior planície alagável do mundo, abrangendo território da Bolívia, do Paraguai e do Brasil, sendo que a extensão da área na esfera nacional compreende os Estados de Mato Grosso (35%) e Mato Grosso do Sul (65%), neste, abrange uma área de 37.588 km², envolvendo 11 municípios. Conforme Silva e Abdon (1998), o Pantanal brasileiro é formado por onze sub-regiões fisiográficas, a saber: Pantanal de Aquidauana, de Cáceres, de Poconé, de Barão de Melgaço, do Paraguai, de Paiaguás, da Nhecolândia, do Abobral, de Miranda, do Nabileque e de Porto Murtinho.

Pertencer ao Pantanal é uma das características mais latentes da configuração territorial do município e dos municípios. As dinâmicas naturais do bioma pantaneiro têm influenciado a (re)produção do espaço local desde a formação da cidade de Aquidauana. Sobre isto, Neves (2007) aponta que a fundação da vila de Aquidauana, ocorrida em 1892 foi uma estratégia da elite local em alternativa a vila de Miranda, a qual era muito afetada pelos ciclos das enchentes da planície pantaneira. O rio Aquidauana era a principal via de ligação, da nova localidade ao mundo exterior para a chegada de mercadorias e escoamento da produção local.

Com o passar do tempo as características geográficas dadas pela convergência dos biomas Pantanal e Cerrado, proporcionaram a Aquidauana maior articulação terrestre às cidades vizinhas, assim como o desenvolvimento da agropecuária de corte como atividade econômica predominante no município até os dias atuais. Contudo, apesar da maior possibilidade de conexão externa, pela característica de ser um município de grande extensão territorial (17.087,021 km²) e baixa densidade populacional (2,69 hab/km²) (IBGE, 2022b), as infraestruturas existentes para acesso às diversas

áreas do município impactam significativamente na mobilidade espacial da população local, sobretudo quando aliadas às características naturais e geográficas da região pantaneira.

Figura 1. Mapa de localização do município de Aquidauana/MS, no contexto do Pantanal brasileiro.



Org. Os autores (2022).

Outro ponto a ser considerado é a posição de Aquidauana como Centro Subregional B (3B) - integrante do Arranjo Populacional de Aquidauana - Anastácio/MS (IBGE, 2022b), sendo a cidade com maior porte em sua microrregião geográfica. Logo, tende a localizar equipamentos e serviços públicos e privados que acabam por atrair a movimentação dos moradores da região em sentido a seu centro urbano.

APORTE TEÓRICO A TEMÁTICA MOBILIDADE ESPACIAL

As primeiras pesquisas substanciais acerca da mobilidade espacial surgiram no século XIX a partir do modelo de atração e repulsão (push-pull) proposto por Ravenstein (1885) que, no fim do século XIX, publicou dois textos sobre as “leis das migrações” acerca de fluxos populacionais internos e internacionais. Sua obra pode ser considerada como clássica para a temática, tornando-se referência para grande parte das pesquisas sobre migração, sobretudo no século XX.

Contudo, torna-se insuficiente limitar conceitualmente a mobilidade espacial apenas aos processos migratórios de grande proporção. Sobre isto, a perspectiva de Bassand e Brulhardt (1983) retrata a mobilidade espacial para além da migração internacional e inter-regional, perpassando por toda e qualquer movimentação no espaço, independente de distância ou duração, considerando que as formas contemporâneas de mobilidade seriam formas de deslocamento de massa muito considerável.

Cunha (2011) colabora ao afirmar que, enquanto a migração parte do pressuposto da mudança de residência, a mobilidade espacial envolve as demais formas de movimentos populacionais sem uma rigidez espaço-tempo pré-estabelecidas. Domenach (2001) destaca a necessidade de um olhar mais abrangente quanto à mobilidade populacional frente ao aumento da mobilidade humana e da flexibilidade dos movimentos populacionais. Logo, diante aos desafios e dificuldades para se estudar a mobilidade espacial da população, deve-se considerar as mudanças em nossa sociedade, o surgimento de novos modos de deslocamento, a perda de importância de outros, bem como as mutações da migração pós-moderna.

Nesse sentido, nas últimas décadas surgiu uma considerável variedade de estudos dedicados à compreensão dos fenômenos que vão além da migração, envolvendo outras formas de mobilidade espacial como migração circular, migração sazonal, movimento pendular, mobilidade residencial, mobilidade urbana, mobilidade cotidiana campo-cidade, entre outras.

Destaca-se, neste sentido, que os movimentos ou deslocamentos pendulares compreendem os movimentos de curta escala temporal e espacial. São deslocamentos geralmente diários para trabalhar e/ou estudar, apesar de alguns estudos não afastarem outras motivações, que na literatura podem ser encontradas sob diversas terminologias como mobilidade, deslocamento, migração pendular (e.g. COUTINHO, 2014; MOURA; CASTELLO BRANCO; FIRKOWSKI, 2005).

Os fenômenos de migração ou mobilidade circular e a migração sazonal compreendem outra forma de pendularidade, sendo ambas ligadas ao capital e a consecutiva distribuição da força de trabalho. A primeira faz referência à mudança de lugar implicando em múltiplos domicílios, temporalidades, bem como lugares de trabalho distintos. Já a migração sazonal compreende a migração com a finalidade ligada a oferta de mão de obra - ou outra atividade específica (COUTINHO, 2014) -, com duração de vários meses, mas na perspectiva de local específico (JARDIM, 2011).

A mobilidade residencial diz respeito às mudanças no interior do próprio município de residência (JARDIM, 2011). Lago (2000) aponta que este fenômeno de mobilidade intra-urbana é fortemente ligado à mobilidade social. Estas seriam as mudanças de residência em um contexto em que a mobilidade social ascendente expressa seus efeitos na mobilidade espacial, é a divisão simbólica do espaço convertida em deslocamentos do núcleo urbano para a periferia, ou o inverso, a depender da hierarquia espacial urbana.

No tocante à mobilidade cotidiana campo-cidade, é forma de mobilidade espacial que, apesar de recorrente, é pouco estudada. Compreende os deslocamentos realizados pelos moradores do campo em direção à cidade em intervalos diários ou não, com intensão de atender as suas demandas cotidianas (lazer, compras, trabalho, entre outras) (COUTINHO, 2014).

Ademais, com foco nos aglomerados urbanos, sobretudo os de grande proporção em área e população, destaca-se a relevância da mobilidade urbana. Bergman e Rabi (2005), definem como os fluxos de bens e pessoas no espaço urbano, motorizados ou não. É um atributo da cidade e determinada pelo desenvolvimento socioeconômico, pela evolução tecnológica e pela apropriação do espaço.

A COLEÇÃO ESTUDADA E O GUIA DO LIVRO DIDÁTICO

A coleção analisada neste trabalho é intitulada “Geografia: Homem & Espaço”, de autoria de Elian Alabi Lucci e Anselmo Lazaro Branco. As obras são utilizadas pelas escolas da rede estadual de ensino no município de Aquidauana/MS e, para tal, foi escolhida com base no Guia de Livros Didáticos Ensino Fundamental Anos Finais (PNLD).

Para tal, foram apresentadas resenhas com as principais características de cada obra no que se refere aos aspectos pedagógicos, conteúdos e à formação cidadã. As respectivas resenhas foram divididas em quatro partes: Visão geral (enfatizando a identidade da coleção); Descrição (a partir do sumário de cada volume, obter um panorama de como a obra é estruturada); Análise da Obra (abordando a proposta pedagógica da coleção) e Em Sala de Aula (indicando como o professor pode potencializar os elementos contidos na coleção em sala de aula).

Os critérios oferecidos pelo PNLD e considerados pelos professores e gestores para a escolha da coleção foram: Descrição Global da Obra; Formação Cidadã; Proposta Pedagógica, Conteúdos, Atividades e Ilustrações; Manual do Professor; e Aspectos do Projeto Gráfico-editorial da obra.

Com base nos critérios oferecidos pelo PNLD e pautada nas informações do Guia do Livro, a escolha realizada pelas escolas refere-se a duas opções de coleções de editoras diferentes e é de responsabilidade das escolas, seguindo as orientações do PNLD, em conjunto com seus professores

de geografia, direção e coordenação pedagógica. A escolha é registrada em ata e deve ser anexada no momento do registro das opções no sistema PDDE Interativo.

A escolha por analisar esta coleção se dá por dois motivos: o primeiro é o fato de ser utilizado em todas as escolas da rede estadual no município de Aquidauana-MS, as quais absorvem professores em formação, integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID do curso de Licenciatura em Geografia do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, bem como profissionais egressos desta instituição (possibilitando contrastar seu construto teórico conceitual temático com o que está contido no instrumento didático pedagógico de trabalho), além de abranger uma grande parcela dos alunos da educação básica no município; o segundo motivo é o fato da coleção se apresentar em diversas edições, sendo utilizada há algum tempo na educação básica a nível nacional.

A TEMÁTICA MOBILIDADE ESPACIAL: COLEÇÃO GEOGRAFIA HOMEM & ESPAÇO

Na análise do livro destinado ao 6º ano, a Unidade I “As Paisagens e o Espaço Geográfico” apresenta apenas alguns fragmentos da temática, fazendo referência aos meios de transporte de maneira muito abrangente e à mobilidade urbana, porém sem apresentar esta nomenclatura e tampouco sua definição, como no trecho: “[...] a cidade se caracteriza por apresentar diversas ocupações do seu espaço [...]. Essas regiões convivem entre si, uma vez que as pessoas que moram nos bairros residenciais se deslocam para os comerciais para fazer compras, ou para os industriais para trabalhar” (LUCCI; BRANCO, 2015, p.24). O fenômeno de mobilidade urbana poderia, no contexto da cidade e sociedade referidas no texto, ser desenvolvido e conceituado, onde se faria o uso de um tema geográfico complementar para a compreensão da dinâmica espacial em questão. A Unidade II “Planeta Terra – movimentos, orientação e representação” apresenta, ao fazer referência à orientação espacial, as formas de deslocamentos intermunicipal e intramunicipal sem apresentar estas terminologias, referindo-se apenas como “[...] deslocamentos nas grandes cidades e também entre elas” (LUCCI; BRANCO, 2015, p.50).

A Unidade VI “Recursos Naturais, trabalho e atividades econômicas” é a que demonstra maior interação com o tema. Estão representados os deslocamentos forçados de populações tradicionais pela instalação de sistemas hidroelétricos; as migrações do campo para a cidade (êxodo rural), apresentado no texto como “saída de pessoas do campo para as cidades [...]”, Lucci e Branco (2015, p.203), quando se refere à pressão que o sistema de agroindústrias, o agronegócio e a concentração de terras exerce sobre as populações tradicionais; e, por fim, na perspectiva dos transportes, apresenta como eles influenciam nos deslocamentos humanos.

Acerca do livro da 7ª série, na Unidade I “Brasil: espaço geográfico, paisagens e regiões” a mobilidade espacial é representada pela migração internacional e inter-regional na perspectiva de explicar a diversidade cultural e a integração do território brasileiro; no tocante à organização social, apresenta as formas de locomoção espacial associadas às diferentes condições e modos de vida; e, ainda, insere a questão da imigração ilegal, ainda que de forma superficial, quando se refere às fronteiras internacionais do Brasil.

Na Unidade III “Brasil: urbanização e dinâmica populacional” destaca-se os fluxos migratórios do campo para a cidade, o êxodo rural, sobretudo no período de 1950 a 1990, abordando a perspectiva de que estas migrações passavam pela busca por melhores condições de vida da população, enfatizando que, pela baixa qualificação profissional, boa parte destes migrantes passou a ocupar as vagas de trabalho de menor remuneração.

Já o capítulo VII (Unidade III), denominado “A população brasileira”, é o que mais evidencia a temática, justamente por abordar de maneira mais contundente os processos migratórios que influenciaram a formação da população do país, apresentando os fluxos migratórios vindos da Europa e Ásia nos séculos XIX e XX. Com uma abordagem demográfica, este capítulo trabalha a

forma como os deslocamentos espaciais (no texto associado às migrações exclusivamente) influenciam na dinâmica demográfica e na formação da população, além da sua influência na interiorização do território. Disponibiliza, inclusive, um exercício para ser trabalhado em sala de aula, onde propõe que os alunos busquem a origem de seus antepassados, importante para as crianças terem a dimensão de como a mobilidade espacial tem influenciado em suas próprias vidas.

Ainda na mesma unidade é trabalhado de forma específica o tema migração dividindo-o em migrações externas (referindo-se às migrações entre diferentes países) e internas (referindo-se às migrações dentro de um mesmo país), ainda que não apresente categorias complementares. Da mesma forma, divide-as como imigração espontânea (citando as comunidades europeias) e imigração forçada (citando os escravos africanos) e, dissocia os termos migrantes, emigrantes e imigrantes, além de trazer um panorama dos imigrantes no Brasil, destacando espanhóis, alemães, portugueses, japoneses e italianos. Ademais, trabalha a questão dos emigrantes brasileiros apontando como principais destinos Estados Unidos, Portugal e Espanha.

Na sequência da unidade III, refere-se às migrações internas no Brasil também na perspectiva de organização do território nacional e traz referência à outras formas de deslocamentos que ocorrem no país, apresentando dois conceitos muito pertinentes ao tema, a migração temporária e a migração pendular. Ao final do capítulo são propostas atividades que estimulam os alunos a entender as motivações e as consequências das migrações, da mesma forma o sentimento de pertencimento do agente migrante, sobretudo, neste caso, dos migrantes nordestinos.

Nas próximas unidades do livro, o Nordeste; o Centro-Sul; e a Amazônia, o tema volta a ser incipiente e abordado na perspectiva das migrações na formação da população e sua identidade cultural; no caso das emigrações do povo do Nordeste, motivada pela seca e desertificação, para o centro-sul, e Amazônia, bem como do fenômeno de regresso de considerável parte destes agentes; e a migração campo-cidade com suas consequências à dinâmica urbana, como a favelização das cidades.

No tocante à análise do livro destinado ao 8º ano, na unidade I “A formação do espaço mundial” a mobilidade espacial é representada, em um primeiro instante, sob a perspectiva da circulação típica de pessoas nas sociedades capitalistas; é abordada a migração do campo para a cidade (forçada e/ou voluntária) no processo de formação do espaço capitalista mundial; e são destacados os fluxos de pessoas, possibilitados pelas redes geográficas e transportes arrefecidos pela globalização. A abordagem é bem superficial e não detém qualquer pretensão de chamar atenção para os deslocamentos em si. Na unidade II, “O desenvolvimento e a questão ambiental”, a questão da mobilidade urbana é percebida quando são abordados os meios de transporte que possibilitam menor impacto ambiental, apresentando, para tal, a utilização da bicicleta e ciclovias, porém sem apresentar nada complementar sobre a mobilidade urbana, seu conceito ou sua importância para as cidades.

Na sequência, na unidade III “América – colonização, regionalização e sociedade” percebem-se os fluxos advindos da expansão marítima e da colonização e ocupação do território da América; o movimento de povoamento (por populações tradicionais) da região; em uma abordagem demográfica, a imigração dos europeus para a América e a chegada dos escravos (migração forçada), em vista a explicar a formação da população, miscigenação e diversidade; também cita a imigração vinda de outros continentes e trabalha a migração entre os países americanos, como no significativo fenômeno de emigração que atinge os países da América Central e Caribe em direção à países da América, sobretudo a emigração clandestina do México para os EUA, e para outros continentes.

A temática volta a ser percebida na unidade V “Estados Unidos e Canadá”, trazendo algumas referências no tocante à migração interna nos EUA, na configuração da formação de seu território, citando a marcha para o oeste a partir do século XIII; e aborda a formação da população dos EUA e Canadá explorando, demograficamente, alguns processos de imigração que contribuem para a diversidade étnica destes países e aos conflitos que, muitas vezes, delas resultam.

Destarte, ainda na unidade V, ao referir-se à região dos EUA conhecida como Bos-Wash (compreendida pela megalópole que abrange as cidades de Nova York, Filadélfia e Baltimore, entre outras), apresenta a definição de migração pendular: “Movimento diário do trabalhador que se desloca de sua residência para um local de trabalho distante, muitas vezes em outra cidade” (LUCCI; BRANCO, 2015c, p. 182). Os autores afirmam que nesta região a incidência do fenômeno é destaque a nível global, porém referem-se apenas à migração pendular sem adendos complementares sobre outras terminologias utilizadas e restringindo os deslocamentos à busca por trabalho. Sobre isto, destaca-se que a migração, deslocamento ou movimento pendular, não se restringe apenas à busca diária por trabalho em cidade diferente a de residência, mas também a outros objetivos específicos, podendo as motivações estenderem-se à educação, compras e lazer (e.g CARDOSO; LOBO, 2016; MOURA; CASTELLO BRANCO; FIRKOWSKI, 2005). Na sequência, faz uma reflexão sobre a emigração da cidade de Detroit, em uma abordagem da organização econômica do país. Os autores pontuam que “A cidade perdeu em média 150 mil pessoas por década entre 1950 e 1990 [...]” (LUCCI; BRANCO, 2015c, p. 187). Acredita-se que esta seria uma ótima oportunidade para os autores trabalharem a forma como os fatores econômicos atuam na motivação das migrações, uma breve chamada no texto seria suficiente para relacionar a dinâmica econômica de uma região e a sua atração ou repulsão pelos migrantes.

Por fim, na Unidade VI “América Latina” destaca-se a abordagem do fluxo de pessoas na América Latina sob a ótica da infraestrutura de transportes e circulação; na perspectiva da formação da população, no caso de Cuba; trabalha a imigração de Cuba para os EUA; e, por fim, a migração, por tempo determinado, de médicos de Cuba para o Brasil. Nas palavras dos autores, “No ano de 2013, o Brasil recebeu quase quatro mil médicos cubanos pelo Programa Mais Médicos do Governo Federal brasileiro” (LUCCI; BRANCO, 2015c, p. 252). Trata-se, no contexto descrito pelos autores, do fenômeno da migração sazonal, porém o termo não foi apresentado. Julga-se, assim, que caberia um adendo, no livro ou pelo professor em sala, acerca do fenômeno em questão.

Sobre o livro destinado ao 9º ano, pode-se destacar que na unidade I, “Geopolítica e economia mundial”, tem-se a migração em face ao controle de seu fluxo, devido à prevenção ao terrorismo em nível global; e os fluxos de pessoas (sem discriminar quais tipos) em razão da globalização. Na Unidade II “Europa”, é abordada a migração em face da atração que exerce o continente europeu sobre os demais continentes; sob a ótica demográfica, é trabalhada a imigração na Europa e a emigração da Europa, relacionando aos conflitos xenofóbicos e racistas que por vezes se estabelecem neste cenário, e também na formação, pretérita e contemporânea, étnica, cultural e religiosa da população dos países europeus; apresenta, na sequência, a questão dos refugiados dos conflitos armados, bem como dos ciganos (tratados como migrantes, em sua chegada à Europa e em seu modo de vida nômade) e a perseguição de que são alvo; e traz a perspectiva da circulação de pessoas a nível internacional possibilitada pela União Europeia.

Logo, na Unidade III “Ásia: diversidade, desenvolvimento e conflitos” o tema é perceptível quando trata da questão da Palestina e de Israel, abordando, na perspectiva da formação de território, a migração causada pela perseguição aos judeus na Segunda Guerra Mundial; em outro viés, é apresentado o impacto da construção de uma hidrelétrica na China, a qual seria responsável pela remoção de milhões de habitantes locais (migração forçada). Na Unidade IV “África” é apresentada a questão da migração e dos refugiados de conflitos internos do continente; destaca a migração internacional denominada “fuga de cérebros” para Europa e EUA; traz uma abordagem de migração como agente de dispersão do vírus do HIV; e da migração do campo para a cidade, o êxodo rural, e suas consequências para a configuração urbana das grandes cidades africanas.

Assim, na Unidade V “Oceania” aborda a migração na perspectiva da formação do território e colonização do continente; a migração, em uma abordagem demográfica, na formação da população da Austrália; e da migração sazonal (sem usar o termo) de estudantes que buscam o país. Por fim, na Unidade VI “Regiões Polares”, são ressaltadas as migrações internas de populações tradicionais do Ártico, deixando o interior para morar nas vilas e cidades (migração campo-cidade); e apresenta a

provocação da possibilidade da região, devido ao aquecimento global, vir a ser local de destino de fluxos migratórios de diversas regiões do mundo.

Sobre a coleção como um todo, as capas dos respectivos livros se relacionam com temas atuais e provocativos, passando a ideia de que atualmente vive-se em um mundo globalizado e tecnológico, respondendo positivamente ao questionamento de Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p.344) “Trata-se de uma capa que motiva a pessoa abrir o livro e continuar a examiná-lo?”.

A coleção apresenta claramente as informações sobre os autores e ao público que se destina. A apresentação do livro é concisa e eficaz, o índice e a estruturação são claros, trazendo a abordagem das principais categorias de análise geográfica, espaço, região, território, lugar, paisagem englobando também sociedade, e natureza. Sobre a diagramação dos livros, os textos são mais curtos para o 6º ano e mais extenso para as demais etapas do ensino.

A CONCEPÇÃO DO PROFISSIONAL PROFESSOR

As experiências em sala de aula retratadas nos parágrafos seguintes são de profissionais formados ou em formação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Os acadêmicos estagiários do curso de Geografia UFMS/CPAQ, bem como os demais discentes integrantes do PIBID, enfatizam que em suas incursões nas unidades de ensino sempre são estimulados a observar e ater-se a formação dos autores dos livros didáticos, campo de atuação e ideologia professada. Além disso, se o livro é destinado ao público alvo da série, a hierarquia de abordagem do conteúdo em consonância com o referencial curricular prescrito pela Secretaria Estadual de Educação, a linguagem ilustrativa e cartográfica, bem como proposta teórico metodológica e prática. Ainda, se contém na obra uma apresentação geral do que é abordado e a importância de trabalhar esse texto com o aluno para motivá-lo a imergir no conhecimento.

Os acadêmicos egressos ressaltam que a Universidade se encontra muito distante das realidades vividas no cotidiano das escolas. No curso de formação de professor é oferecido um amplo e sólido referencial teórico, porém o livro, que é o instrumento de trabalho na escola, está superficialmente em conexão com o aporte conceitual e grandes pensadores aos quais eles têm contato na academia. O que é vivenciado no âmbito universitário é posto em prática pelos acadêmicos a medida que adentram no ambiente escolar e vivenciam e compreendem a realidade. Porém, sentem certa dificuldade em aproximar o ensino da geografia dentro da realidade do bioma Pantanal, uma vez que o material didático tende a abordar outros contextos que por vezes muito difere do cotidiano do município de Aquidauana.

Como alternativa, a adoção de temas transversais surge como ferramenta para a prática geográfica que dialogue com as questões sociais, econômicas e ambientais percebidas na vivência dos estudantes. Nesta perspectiva Ayach, Batista e Farias (2020, p. 135) colaboram ao afirmar que “o estudo sobre bioma Pantanal estimula a aprendizagem geográfica a partir da observação da paisagem, da cultura, da economia, do processo de ocupação, do uso da terra, entre outros fenômenos”.

Castellar (2005) reafirma essa importância.

Deve começar a estabelecer relações entre os lugares, a ler os fenômenos em diferentes escalas, mobilizando o raciocínio e educando o olhar para que possa fazer a leitura do espaço vivido. O saber agir sobre o lugar de vivência é importante para que o aluno conheça a realidade e possa comparar diferentes situações, dando significado ao discurso geográfico – isso seria a concretização da educação geográfica, do mesmo modo que ocorre com a Matemática, a Física, ou outras áreas do conhecimento escolar (CASTELLAR, 2005 p. 213).

Na realidade de um profissional egresso do CPAQ/UFMS, ele percebe que as peculiaridades só podem ser observadas a partir desse contato direto, pois é a sala de aula dentre todos os ambientes

presentes na escola o mais significativo para construção de sua prática. Porém, no início da carreira e na condição de professor contratado, ele não tem poder de decisão incisiva sobre qual livro utilizar oficialmente, assim como tem restringida a possibilidade de adotar práticas metodológicas adaptadas as singularidades geográficas locais.

No caso do professor regente, este enfatizou que a geografia contida nos livros didáticos não traz uma realidade irrevogável e inquestionável. Considera que para o discente poder indagar sobre os dados, fazer associações entre a linguagem e a realidade local (como por exemplo, o caso a migração por tempo determinado de médicos de Cuba para o Brasil, um aspecto onde o Pantanal foi uma área extremamente beneficiada) necessita ir à busca do conhecimento. Assim, as metodologias que envolvem a pesquisa têm um papel fundamental no processo de construção do saber, na elucidação de conjunturas, esclarecendo dúvidas em relação àquilo que é proposto nos manuais instrutivos pedagógicos quanto à abordagem dessa disciplina escolar.

Somado a isso, os aspectos *sui generis* da dinâmica climática regional e local produzem variações temporais e espaciais dos elementos climáticos, principalmente chuva, com repercussões diversas no contexto do Pantanal de Aquidauana. Episódios de inundações são materializados nos espaços rurais e urbanos, repercutindo a vulnerabilidade socioespacial e ambiental, a qual todos atores sociais encontram-se expostos. Assim, uma análise das implicações sociais e econômicas repercutidas na vida dos agentes sociais direta e indiretamente envolvidos no processo, de acordo com o Subsistema Hidrodinâmico: insumo, transformação, produção e percepção, não são retratadas nos livros didáticos.

Nesse sentido, o livro utilizado em sala de aula desconsidera a realidade local e o meio de vivência do aluno. Contudo, contemplar reflexões sobre os fatores relacionados à produção e organização do espaço e suas repercussões no bioma Pantanal, converte-se numa trilha de formação e instrumentalização do estudante para atuação numa gestão participativa, contribuindo enquanto agente social ou profissional atuante na gestão socioambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o objetivo de analisar como a temática da mobilidade espacial está representada no livro didático utilizado nos anos finais do ensino fundamental nas escolas da rede estadual de ensino do município de Aquidauana/MS (Geografia: Homem & Espaço), mais especificamente elencar as abordagens utilizadas nas inserções sobre os diferentes tipos de mobilidade espacial além de apreciar as interfaces efetivas e factuais, e apresentar possibilidades de complementação ou aperfeiçoamento do conteúdo a fim de um aprendizado síncrono acerca da mobilidade espacial considerando as particularidades locais, quer seja, do Pantanal de Aquidauana.

No que concerne a coleção didática estudada, de modo geral, a mobilidade espacial é trabalhada de forma muito incipiente na coleção. A temática apresenta-se de forma agrupada e mais contundente quando relacionado com a dinâmica populacional brasileira, Unidade III do livro do 7º ano, e de forma fragmentada quando se aborda a formação da população e dos territórios a nível global.

Ainda que se encontrem considerações assertivas quanto às migrações de maior escala espaço-tempo, sobretudo as migrações internacionais e do campo para cidade, nota-se que não há um objetivo nítido de apresentar ao alunado as variadas formas de mobilidade espacial, principalmente as de menor escala espacial e não permanentes, como a migração circular, sazonal, e cotidiana campo-cidade, salvo a migração pendular que foi objeto de conceituação no livro do 8º ano.

A coleção, ao abordar diversos temas geográficos, oferece a oportunidade de inserção da temática da mobilidade espacial, tanto no próprio livro quanto pelo professor em sala. Sobre isto, destaca-se que não parece pertinente a necessidade de um capítulo ou seção especial do

livro para que se trabalhem as diversas formas de mobilidade. Talvez esta seria uma nova abordagem da temática no livro e em sala, aproveitar os demais temas geográficos trabalhados para relacioná-los aos deslocamentos humanos no espaço, sobretudo na realidade do Pantanal de Aquidauana.

De maneira geral, as abordagens mais utilizadas para introduzir as diferentes formas de mobilidade espacial são a demográfica e a ligação direta da temática à geografia da população, na maioria das vezes para demonstrar o processo de formação e distribuição da população. Nota-se, também, a abordagem econômica e social corroborando com os processos de migração campo-cidade, mas nem sempre com uma perspectiva assertiva sobre o tema, e ainda, a abordagem ambiental para condicionar alguns fluxos migratórios de grande escala às alterações ambientais a nível global.

Neste sentido, confirma-se a hipótese de que na geografia escolar a temática sobre a mobilidade espacial ainda se encontra restrita às observações sobre os processos migratórios em grande escala espaço-tempo, voltada basicamente à compreensão da formação e evolução das populações e dos territórios.

A coleção tem linguagem, em certa medida, adequada à idade dos alunos em cada ano que a coleção se refere. Porém, deve-se considerar a afirmação de Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p.346) de que a linguagem não apenas deve ser adequada à idade, mas também à realidade do aluno. Logo, apesar de conter expressões e narrativas alternativas, poesias, textos de revistas, jornais e fragmentos textuais de outros autores, a coleção não estabelece uma sintonia com a realidade cotidiana, sobretudo no contexto do Pantanal de Aquidauana.

Da mesma forma, as imagens, representações gráficas e cartográficas são poucos exploradas para contextualizar os fenômenos de mobilidade espacial. Sobre a importância destes atributos no livro didático, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) afirmam que imagens, fotos, gravuras, entre outros, são necessários no livro de geografia porque podem complementar e interagir com os textos.

Os livros didáticos, de uma forma geral, representam o Pantanal como área em expansão, o bioma exótico e ameaçado ambientalmente. Contudo, as configurações ambientais e da rede hidrológica do Pantanal afeioa rio com nascente em áreas de altiplano, recebendo ao longo de seus percursos tributários até formar confluência com o canal principal e interferindo na sazonalidade de secas e cheias dessa planície. Além disso, apresenta características ambientais particulares, onde se destaca uma rica diversidade biológica, hidrológica, climática, geológica, geomorfológica, pedológica e sociocultural.

Esses aspectos, de acordo com os professores que trabalham nesse território específico, influenciam diretamente no transcurso do calendário escolar, sequência metodológica de ensino, bem como em todo tipo de mobilidade pelo espaço, particularidades que não são retratadas nos livros didáticos. Neste sentido, trabalhar o tema da mobilidade espacial dentro das particularidades do bioma, além de trazer o aprendizado sobre os deslocamentos, restrições, limitações, motivações e consequências, pode representar o conhecimento das próprias características e dinâmicas naturais e socioeconômicas do Pantanal, tornando-se a mobilidade um tema transversal para a prática escolar. Abrem-se, neste aspecto, possibilidades para a utilização de outros temas geográficos do livro didático como contexto para observações acerca dos diferentes fenômenos de mobilidade espacial. Assim como sua associação à realidade local de alunos e professores na experimentação da mobilidade espacial.

Dessa forma, destaca-se a necessidade da abordagem da mobilidade espacial para o espaço com características específicas como no caso do bioma Pantanal, bem como áreas de baixa densidade urbana, destacando aspectos que se configuram na realidade local como a singularidade da área estudada. Nas condições postas, as particularidades da realidade territorial enfatizada nesse estudo comprometem a mobilidade e, conseqüentemente, a equidade no acesso a bens e serviços. Contudo, a diversidade de olhares, experiências de professores e alunos pode suscitar, a partir das

vozes dos atores sociais locais, estratégias de intervenção delineadas para suas necessidades com implementação de soluções de serviços que atenda sua necessidade de mobilidade.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil

REFERÊNCIAS

AYACH, L. R.; BATISTA, R. L.; FARIAS, F. R. Os desafios da formação de professores de Geografia na UFMS, Câmpus de Aquidauana: a aula de campo como perspectiva interdisciplinar. *Ciência Geográfica - Bauru - XXIV - Vol. XXIV- (1): Janeiro/Dezembro – 2020*. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV_1/agb_xxiv_1_web/agb_xxiv_1-10.pdf Acesso em 08 de junho de 2022.

BASSAND, M.; BRULHARDT M. La mobilitéspatiale :unprocessus social fundamental. *Espace, populations, sociétés*, 1983-1. Objectifsetchamps d'étude. pp. 49-54; doi: 10.3406/espos.1983.902. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/espos_0755-7809_1983_num_1_1_902 Acesso em: 12 de agosto de 2022.

BERGMAN, L.; RABI, N. I. A. (coord.) Mobilidade e política urbana: subsídios para uma gestão integrada. Rio de Janeiro: IBAM; Ministério das Cidades, 2005. Disponível em: <https://www.ibam.org.br/wp-content/uploads/2023/06/mobilidade.pdf> Acesso em: 21 de agosto de 2022.

BRUMES, K.; LOURENÇO, C. A. População e migrações em livros didáticos do ensino básico: os referenciais teóricos e práticos. *Revista Espaço e Tempos Midiáticos*. Palmas. v.1 n. 1, jul-dez/ 2016. ISSN - 2526-5725 Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/midiaticos/article/view/3165/9454> Acesso em: 21 de julho de 2022.

CARDOSO, H. J. M.; LOBO, C. F. Mobilidade espacial de populações: definições, tipologias e conceitos. In: 4ª Jornada Científica da Geografia UNIFAL-MG. Anais... Alfenas – MG. 30 de mai. a 02 de jun. de 2016. p. 476-482. Disponível em: https://www.unifal-mg.edu.br/4jornadageo/system/files/anexos/haroldo476_482.pdf Acesso em 23 de maio de 2018.

CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/SDh77ByNZ8v8bSD9DbbjvF/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 10 de novembro de 2022.

COUTINHO, E. A. Mobilidade cotidiana campo-cidade: o caso dos moradores rurais de Cajuri e Coimbra/MG. 2014. 120fls. Dissertação (Programa de Pós- Graduação em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/6554/1/texto%20completo.pdf> Acesso em 11 de junho de 2022.

CUNHA, J. M. P. Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. (Org.). Campinas: Nepo/Unicamp, 2011. ISBN978-85-88258-30-3. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mobilidade/Mobilidade_Espacial_da_Popula%C3%A7%C3%A3o.pdf Acesso em: 14 de outubro de 2022.

DOMENACH, H. Movilidad espacial de la población: desafíos teóricos y metodológicos. In: CUNHA, José Marcos Pinto da. (Org.) Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. Campinas: Nepo/Unicamp, 2011. P. 33 – 44. ISBN978-85-88258-30-3. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mobilidade/Mobilidade_Espacial_da_Popula%C3%A7%C3%A3o.pdf Acesso em: 14 de outubro de 2022.

IBGE. Portal de mapas do IBGE. 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxbb3fop>. Acesso em: 12 jan. 2022.

_____. Cidades. Aquidauana. 2022b. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/aquidauana/panorama> Acesso em: 22 de junho de 2022.

JARDIM, A. P. Reflexões sobre a mobilidade pendular. In: OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto de; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. (Org.). Estudos e Análises Informação Demográfica e Socioeconômica, Reflexões sobre os deslocamentos Populacionais no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. p. 58–70. ISBN 978-85-240-4192-1. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49781.pdf> Acesso em: 14 de outubro de 2022.

LAGO, L. C. Divisão Sócio-Espacial e Mobilidade Residencial: reprodução ou alteração das fronteiras espaciais? In: XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais - ABEP. Anais... São Paulo. De 23 a 27 de out. de 2000. Disponível em:
<http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/issue/view/32/showToc> Acesso em: 03 de julho de 2018.

LUCCI, E. A.; BRANCO, A. L. Geografia: homem & espaço. 6º ano. São Paulo. ed. 26. Editora Saraiva, 2015. ISBN: 978-85-02-62823-6.

_____. Geografia: homem & espaço. 7º ano. São Paulo. ed. 24. Editora Saraiva, 2015b. ISBN: 978-85-02-62825-0.

_____. Geografia: homem & espaço. 8º ano. São Paulo. ed. 27. Editora Saraiva, 2015c. ISBN: 978-85-02-62827-4.

_____. Geografia: homem & espaço. 9º ano. São Paulo. ed. 27. Editora Saraiva, 2015d. ISBN: 978-85-02-62829-8.

MOURA, R.; CASTELLO BRANCO, M. L. G.; FIRKOWSKI, O. L. C. F. Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos. Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo, Vol.19, no. 4. Out./Dez. 2005, p. 121–133. On-line version ISSN 1806-9452. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/spp/v19n4/v19n4a08.pdf> Acesso em: 12 de agosto de 2022.

NEVES, J. Um porto para o Pantanal: a fundação de Aquidauana: civilização e dependência. Campo Grande. ed. UFMS, 2007.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. Para ensinar e aprender Geografia. 3 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2009. ISBN: 978-85-249-1348-8.

RAVENSTEIN, E. G. The Laws of Migration. Journal of the Statistical Society of London. v. 48, n. 2. Jun.1885. p. 167- 235. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2979181> Acesso em: 05 de setembro de 2023.

SILVA, J. S. V.; ABDON, M. M. Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas sub-regiões. Pesquisa Agropecuária Brasileira. Brasília. v.33. n. Especial. Out-1998. ISSN: 1678 – 3921. Disponível em:
<https://seer.sct.embrapa.br/index.php/pab/article/view/5050> Acesso em: 12 de junho de 2022.